

Sociedade e preconceito

Desde pequena, já nas brincadeiras de criança, Joice Evelin Barbosa da Silva, 42 anos, nunca teve o costume de brincar de ser mãe. “Era sempre a titia e dava todas as minhas bonecas para minha irmã ou amigas”, relembra. Assim que cresceu, notou que esse desejo pela maternidade nunca havia florescido. Muito pelo contrário, acreditava, fielmente, que essa não era uma realidade para ela.

Sempre muito focada em outros aspectos de sua vida, principalmente o profissional, a analista de qualidade nunca sentiu pressão ou vontade em se tornar mãe algum dia. A definição sobre seu futuro veio com muita maturidade, sobretudo em entender e respeitar os próprios desejos. “A terapia também me ajudou muito nessa etapa de respeito e aceitação das minhas vontades, pois a cobrança da sociedade e de familiares meio que me obrigavam a ter que pensar em ser mãe”, complementa.

A escolha de não matinar, diante desse sonho que nunca nasceu, não foi nem um pouco difícil. Os obstáculos, porém, se apresentaram durante o caminho. A sociedade, a família e os amigos, por vezes, não entendem o motivo de sua decisão. “Da minha parte, está muito bem resolvido e compreendido; contudo, ainda existe muito preconceito”, afirma Joice. Somente quando buscou um profissional em saúde mental, tudo passou a mudar.

Conseguia impor seus limites e falar em voz alta para qualquer pessoa sobre o seu desejo de não ser mãe. Antes, de acordo com ela, tinha muito receio de expor qual era sua real vontade. Em um mundo que trata como obrigatório que mulheres cumpram esse rito da maternidade, Joice enfrentou no outro lado da moeda o peso que uma vida contrária a esse pensamento carrega. Ainda assim, tem sido feliz até aqui. E mudar de ideia não está em seus planos.

Para o futuro, Joice acredita que o universo feminino deve optar cada vez mais por uma realidade sem filhos. “O estilo de vida que as mulheres têm hoje, se dedicar ao trabalho, à casa, ao relacionamento, demanda demais. A diferença é que, hoje, a impressão que tenho, é que existe um movimento maior de mulheres que optam por não ter filhos, então mesmo que haja ou não julgamento, a realidade deve ser outra”, finaliza.

Escolhas individuais

Na visão da psicóloga Natália Sertori, a maternidade também está atrelada à cultura de crescer e reproduzir, bem como da visão de que a mulher só seria completa ao se tornar mãe. No entanto, nas últimas décadas, a reflexão sobre a decisão de não ter filhos vem aumentando. Mas a aceitação da sociedade não cresce



Para Giovanna, a maternidade é mais um fardo do que uma bênção

para se ter. Uma realidade com mais prós do que contras. No entanto, essa decisão sempre elenca questões feitas por outras pessoas. Logo, tentam criar um cenário no qual haverá infelicidade sem filhos. Questionam como o futuro namorado ou marido vai se portar perante essa escolha, além de afirmarem que ainda é cedo demais para tomar como verdade absoluta que matinar não é bom.

Para a enfermeira, muitos ainda enxergam a maternidade como trunfo. E, ao dizer que não será mãe, aparecem com opiniões e perguntas. “É uma escolha que deve ser tomada por apenas uma pessoa”, complementa. Durante todo o recorte de sua vida, Giovanna não se lembra de ter considerado um futuro com a casa cheia de filhos. Desde muito nova, sempre disse aos familiares que jamais seria genitora, uma vez que, por ela, isso é mais um fardo do que uma bênção — especialmente por ser mulher.

Sobre a maternidade, o pensamento de Giovanna continua o mesmo. Todas as abdicções, quando o assunto é formar uma família, partem mais das mulheres do que de todo o resto. “Ser mãe é ter a consciência de que a vida nunca mais será a mesma, o corpo muda, a visão do mundo muda e com isso gera-se todo um espaço para o depois. Depois estuda, depois forma, depois trabalha, depois treina, depois sai, depois vive, porque o hoje vai ser só sobre educar e criar uma criança”, destaca.

Na visão da enfermeira, há mais para se sacrificar do que para ganhar. Em uma sociedade que culpa mulheres e as cobra por quaisquer que sejam as decisões, buscar um futuro em que o único foco seja apenas você, não é nada fácil. No entanto, esses ideais têm mudado com o passar dos anos. Bom, pelo menos, é o que Giovanna gosta de acreditar.

“A sociedade vem mudando bastante o comportamento em relação às mulheres e às suas vontades. No entanto, ainda há a associação de que uma mulher de valor é casada e tem filhos. Acredito que se o filho não vier como uma boa projeção de futuro, uma boa condição, o peso e o julgamento da sociedade com mães solas ainda é mais problemático do que só com quem não queira ter filhos. Acredito que não só o julgamento da sociedade bem como o entendimento da mulher acerca dessa posição. Muitas delas estão priorizando mais a vida profissional do que a familiar”, diz.

*Estagiária sob a supervisão de Sibele Negromonte

na mesma velocidade. “A escolha de não ter filhos ainda vem repleta de: você vai se arrepender; o relógio biológico vai chegar; você está sendo egoísta; e por aí vai”, acrescenta.

Escolhas individuais, mas que são difíceis pelas opiniões alheias. Apesar de mais mulheres estarem escolhendo uma vida sem filhos, as cobranças da sociedade provocam prejuízos à saúde mental, sobretudo a longo prazo. “A pressão de achar que tem que atender às expectativas culturais da sociedade pode impactar na autoestima e na autoconfiança, fazendo com que ela se sinta inadequada e incapaz, podendo desencadear em um sofrimento psicológico que precisa ser avaliado”, destaca Natália.

A consolidação da mulher no mercado de trabalho, a construção da carreira, a mulher mais independente nos vários cenários de sua vida, faz com que ela pense sobre adiar ou não viver a maternidade. A ideia de “instinto materno” vem se desfazendo conforme elas ganham voz. Dessa forma, há uma avaliação constante do querer ser mãe. A mulher acompanha uma amiga, uma irmã, colegas de trabalho passarem por todas essas situações desafiadoras que a maternidade traz e se questiona se quer isso para ela.

Bênção ou fardo?

“Nunca vi a maternidade de uma forma romântica”, comenta Giovanna Azevedo, 27. Para ela, ser mãe é um desafio grande demais